

A AGRICULTURA EM SÃO PAULO

BOLETIM DA SUB-DIVISÃO DE ECONOMIA RURAL

Sumário:

Situação Mundial do Arroz	1
Adubo Organico para o Café	6
Preços no interior	9
Situação da Lavoura	10
Mercados e Preços	15
Ano Pecuário 1952/53	21
Situação da Pecuaria	33
Exportação e Importação pelo Porto de Santos	35/37

N O III

8

G O S T O 1953

DIVISÃO DE ECONOMIA RURAL
DEPARTAMENTO DA PRODUÇÃO VEGETAL
SECRETARIA DA AGRICULTURA
ESTADO DE SÃO PAULO

A AGRICULTURA EM SÃO PAULO
Boletim da Subdivisão de Economia Rural
Rua Anchieta, 41 - 6º andar , Caixa Postal, 8083

SUBDIVISÃO DE ECONOMIA RURAL
Chefe: Engº Agrº Ruy Miller Paiva

S E C C Õ E S

Política de Produção Agrícola

Engº Agrº Ruy Miller Paiva (chefe)
Engº Agrº Salomão Schattan
Engº Agrº Milton N. Camargo

Organização e Administração Rural

Engº Agrº O.J.T. Etori (chefe)
Engº Agrº F.S. Gomes Jr.
Engº Agrº Adolpho Kauffmann
Engº Agrº Odilon Nogueira

Mercados e Preços

Engº Agrº Rubens A. Dias (chefe)
Engº Agrº Constantino C. Fraga
Engº Agrº Raul Tacla
Engº Agrº Wilson Dantas

Previsão de Safras e Cadastro

Engº Agrº Mario Zaroni (chefe)
Engº Agrº Oswaldo B. Costa

DIVISÃO DE ECONOMIA RURAL

Diretor: Engº Agrº Mario D. Homem de Mello

DEPARTAMENTO DA PRODUÇÃO VEGETAL

Diretor Geral: Engº Agrº Ismar Ramos

SECRETARIA DA AGRICULTURA

São Paulo

Impresso na Diretoria de
Publicidade Agrícola

Brasil

SITUAÇÃO MUNDIAL DO ARROZ

A produção mundial de arroz em casca prevista para a safra de 1952/53 (Agosto 52 a Julho 53) é a maior já verificada, ou seja de 2.691.439 mil sacas de 60 quilos. Houve um aumento de quasi 150 milhões de sacas em relação á safra anterior, e de pouco mais (164 milhões) em relação a média verificada no periodo de 1935/36 a 1939/40. Esse aumento de produção se deve a uma área plantada maior (458 mil alqueires a mais que na safra 1951/52 e ao tempo favoravel verificado nas maiores zonas produtoras.

Conforme se constata no quadro I a Asia é o grande centro produtor. Em 1952/53 contribuiu com 92,2% da produção mundial. Alias essa contribuição ainda era maior antes da guerra, ocasião em que os países fora da Asia produziam menos de 5% da produção mundial. No entanto a Asia, apesar de ser a grande produtora, constitue igualmente a maior zona importadora desse cereal. É interessante frizar que a Asia importa mais arroz do que exporta e que o resto do mundo, considerado com um todo, apesar de produzir menos de 8% do total mundial, ainda exporta arroz para a Asia. Muitos países desse continente, tais como o Japão, Indonésia, etc., apesar de serem grandes produtores, precisam importar arroz para atender ao grande consumo interno. O Japão, por exemplo, produziu em 1952/53 cerca de 200 milhões de sacas e importa grandes quantidades, estando mesmo previsto para o corrente ano fiscal (Abril de 53 a Março de 54) uma importação de cerca de 1 milhão de toneladas ou seja pouco mais do que o importado em igual periodo anterior.

Fora do continente asiatico, os maiores produtores de arroz são o Brasil, Estados Unidos, Italia e Egito. Os Estados Unidos aumentaram grandemente sua produção; assim, entre o periodo imediatamente anterior a II guerra mundial e 1952/53 o aumento foi de 117%, e esse aumento é já em grande percentagem destinado a atender as crescentes exportações. Os Estados Unidos são atualmente o terceiro paiz exportador de arroz, depois da Thailandia e Burma, sendo portanto, o maior exportador do mundo ocidental. Além dos Estados Unidos o Brasil, Italia e Egito, também são normalmente grandes exportadores dessa parte do mundo. Esses países occidentais tem apresentado grande incremento em suas exportações. Assim foi de 3 vezes o aumento verificado entre os periodos de 1934/38 e 1949/52. É interessante notar que em 1952 60% das exportações desses 4 países se destinavam ao continente asiatico.

As disponibilidades mundiais para a exportação em 1953 são estimadas pelo Departamento de Agricultura dos Estados Unidos em 5,3 milhões de toneladas, ou seja 5% maiores do que em 1952. Isso se deve a maior colheita em alguns países, assim como á maiores estoques no inicio do ano. Apresentamos no quadro II as exportações dos diversos continentes e as disponibilidades para 1953.

(1) No boletim n.º 8 de 1951 "Agricultura em São Paulo" foi examinada a situação do arroz no Brasil em face do mercado mundial naquele ano.

QUADRO I

PRODUÇÃO MUNDIAL DE ARROZ EM CASCA

1.000 Sacos de 60 K.

P A I S E S	MÉDIAS		1950/51	1951/52	1952/53
	1935/36 a 1939/40	1945/46 a 1949/50			
AMERICA DO SUL					
Brasil	22.597	46.159	53.035	49.140	52.923
Colombia	1.069	3.552	4.017	4.914	5.333
Perú	1.577	2.740	3.446	4.025	3.175
outros...	4.876	9.938	9.034	11.424	11.650
Total	30.119	62.359	69.502	69.503	73.081
AMERICA DO NORTE E CENTRAL					
EE. Unidos	16.969	26.837	29.265	34.642	36.807
Mexico	1.382	2.487	2.395	2.404	2.284
Cuba	326	927	1.263	1.745	2.118
outros ...	2.598	4.405	5.144	5.435	5.846
Total	21.275	34.656	38.057	44.306	47.055
A S I A					
China	834.886	764.750	732.904	741.301	784.039
India	565.355	577.609	529.500	567.322	605.143
Burma	118.633	73.492	87.024	87.745	96.596
Indo China	106.895	90.015	90.770	95.300	95.300
Indonésia	159.800	146.013	156.510	165.120	...
P Pakistao	184.113	203.418	208.470	197.022	208.018
Japão	202.670	184.600	200.000	187.400	205.660
Tailandia	72.530	90.600	113.090	121.000	116.490
outros ...	172.295	164.177	189.304	183.144	205.255
Total	2.419.177	2.294.674	2.357.572	2.345.354	2.481.621
A F R I C A					
Egito	11.322	18.534	20.700	10.338	9.455
Madagascar	10.565	12.726	15.347	16.626	...
outros ...	15.613	27.314	31.493	32.424	33.919
Total	37.500	58.574	67.540	59.388	60.000
E U R O P A					
Italia	12.805	10.052	12.340	13.990	15.885
Espanha	3.608	4.250	4.992	4.916	5.484
outros ...	1.685	2.350	4.548	6.060	6.353
Total	18.098	16.652	21.880	24.966	27.722
O C E A N I A					
	920	1.642	2.019	1.770	1.960
TOTAL GERAL ...	2.527.089	2.468.557	2.556.570	2.545.287	2.691.439

Nota:- Colheitas no 2º semestre no Hemispherio Norte, combinadas com as do 1º semestre no Hemispherio Sul.

Fonte:- B.A.E. (U.S.D.A.) e F.A.O.

QUADRO II
EXPORTAÇÕES MUNDIAIS DE ARROZ
1.000 toneladas

CONTINENTES	MÉDIAS		1951	1952	Disponibilidade para exportação em 1953
	1936/40	1946/50			
A S I A	7.511	2.004	3.556	3.296	3.810
Europa	158	88	230	350	455
América do Norte	116	466	502	798	795
América do Sul	72	219	219	334	160
África	141	257	321	61	45
Oceania	13	29	32	20	32
T O T A L	8.011	3.093	4.860	4.859	5.037

FORTE:- Foreign Agriculture Service (USDA).

Conforme já salientamos a Ásia, considerada como um todo, importa mais arroz do que exporta, por conseguinte grande parte das exportações de certos países asiáticos (Burma, Tailândia, etc...) destinam-se a outros países desse mesmo continente (Japão, Coreia, ...).

QUADRO III
EXPORTAÇÃO BRASILEIRA DE ARROZ
POR ESTADOS E POR DESTINOS
Toneladas

Estados de Procedência	1947	1948	1949	1950	1951	1952
Pará	2.419	2.726	72	108	353	...
Maranhão	3.718	17.538	758	3.553	3.035	...
São Paulo	77.138	18.640	-	28.082	18.532	8.027
Paraná	-	14.166	-	-	-	-
Rio Grande do Sul	132.387	159.204	100	47.655	96.113	145.579
Mato Grosso	162	68	61	6	88	-
Outros	2.569	-	-	901	-	-
B R A S I L	218.423	212.642	991	80.305	118.121	162.268

Destinos-Países da:	1947	1948	1949	1950	1951	-
África	10.103	41.023	58	8.447	1.710	-
América Norte e Central	8.657	18.607	600	9.133	14.758	-
América do Sul	19.655	6.231	233	1.548	46.383	-
Ásia	142.089	133.169	100	-	21.691	-
Europa	37.919	11.993	-	61.147	33.579	-
Oceania	-	1.619	-	-	-	-
	218.423	212.642	991	80.305	118.121	-

FONTES:- S.E.E.F. (M.F.) Associação Comercial de São Paulo IRGA.

Pelo quadro II pode-se constatar o grande aumento das exportações por países da Europa e das Americas.

As menores disponibilidades da America do Sul no corrente ano são devidas as poucas possibilidades que o nosso paiz tem de exportar em virtude principalmente das menores colheitas em São Paulo.

Conforme apontamos no quadro III o Brasil vinha exportando nos ultimos anos quantidades apreciaveis desse cereal, exceção feita em 1949 quando nossa exportação foi bem pequena. Como se vê a maior parte de nossas exportações se originam do Rio Grande do Sul. Alias, esse Estado produz normalmente quantidades bem maiores que sua necessidade de consumo, exportando os excedentes tanto para o exterior como para outras partes do Brasil.

São Paulo somente exporta grandes quantidades ocasionalmente, quando da ocorrência de safras abundantes, tanto em nosso estado como nas regiões vizinhas do Triangulo Mineiro e Goiás. A nossa produção, apesar de ser maior que a do Rio Grande do Sul é quasi que totalmente absorvida pelo mercado interno.

O Brasil deverá exportar quantidades apreciaveis de arroz em 1953, pois as safras de São Paulo e regiões limítrofes foram pequenas nos ultimos 2 anos, sendo que houve e ainda está havendo certa dificuldade no abastecimento, o que obriga o Rio Grande do Sul a enviar quasi todos seus excedentes para atender o consumo dessa região, principalmente do Rio de Janeiro.

QUADRO IV

COTAÇÕES DE ARROZ
CR\$ por 60 K.

	ARROZ EM CASCA					ARROZ TRAFICADO						
	BRASIL S. Paulo preço médio lavrador	BRASIL R.G. do Sul TIPO-1 Grãos curtos	EE. UU. Preço médio recebido lavrador	ITALIA Preço produtor Pavia	THAILAN- DIA Na Sunn nº 1 Bangkok	BURMA Rangoon Preço atacado	BRASIL S. Paulo Agulha Especial	BRASIL P. Alegre Grãos curtos nº 2 TIPO-2 Extra	EE. UU. New Orleans Zenith nº 2 Grãos médios	EGITO Cairo e Alexan- dria média atacado	INDO- CHINA Esigon nº 1 25% que- braças	JAPÃO Preço produtor
1949	175,80	124,40	100,00	112,00	78,80	43,30	309,20	211,00	...	119,90	170,90	92,10
1950	117,90	104,40	124,30	100,00	66,60	33,30	226,30	190,00	...	97,70	117,60	126,50
1951	105,60	116,40	117,70	111,00	60,90	33,30	208,60	207,70	...	95,25	125,40	114,70
1952	207,60	120,00	135,20	113,20	78,70	33,30	333,30	236,70	236,70	93,26	196,40	152,10
1953												
Jan.	296,20	120,00	157,60	113,20	...	33,30	Nominal	310,60	263,05	93,25	...	158,70
Fev.	335,90	...	160,00	"	341,40	263,05
Março	333,70	192,00	169,30	"	369,60	293,50
Abril	323,60	192,00	171,00	"	392,60	303,40
Mai	324,20	192,00	171,80	"	347,00
Junho	354,20	207,50	"	376,75
Julho	421,00	"

FONTES: F.A.O., E.A.E. (USDA), Bolsa de Mercadorias de São Paulo,
Instituto, Riograndense de Arroz, Subdivisão de Economia Rural.

No quadro IV apresentamos cotações de arroz em casca e beneficiado nos principais países produtores, notando-se a grande disparidade nas cotações em varios países.

Salienta-se que ponderavel parcela das vendas interna oicmais de arroz são feitas de governo a governo e a preços inferiores aos negócios feitos livremente.

Os dois maiores exportadores (Burma e Thailândia) vendem mais de 60% de seu arroz por meio desses contratos entre governos. O preço de exportação da Thailândia para o arroz beneficiado com 20% de quebrados é atualmente de CR\$180,00 por 60 quilos para contratos entre governos e de CR\$248,00 para vendas no mercado livre.

As atuais cotações no Brasil são bem mais elevadas que nos outros países, principalmente as de São Paulo, que aliás refletem também os níveis das regiões limítrofes. As cotações atuais na Bolsa de Cereais e de Mercadorias de São Paulo para o arroz agulha são nominais. No entanto pode-se ter uma idéia da atual alta verificada através dos preços médios recebidos pelos lavradores no interior do Estado, para o arroz beneficiado. Assim esse preço médio que era de CR\$418,60 por sacos de 60 quilos em Dezembro de 52 passou a CR\$682,70 em Julho ultimo.

Essa alta nas cotações em São Paulo decorre de duas safras pequenas consecutivas. É de se esperar que em 1954 essas cotações caíam a níveis bem menores, tornando possível a exportação desse cereal, caso disponhamos de excedentes nessa ocasião. Alias com a lei do cambio livre, essa exportação será facilitada, pois nossos preços serão talvez aos de outras zonas exportadoras

ADUBO ORGÂNICO PARA O CAFÉ

Segundo levantamento procedido em 1948-49, em 93 propriedades cafeeiras de São Paulo (A Agricultura em São Paulo Ano II n° 5) constatou-se que apenas 12,3% do total da lavoura cafeeira das propriedades visitadas recebia os benefícios da aplicação do esterco de curral, naquele ano agrícola.

Em numeros absolutos, temos que apenas 147.368.000 pés recebem essa adubação e mais de um bilhão deixa de recebe-la.

Conforme mostram os trabalhos experimentais do Instituto Agronômico, a matéria orgânica é essencial para a manutenção de uma lavoura de café e os agricultores mais adiantados procuram atender a essa necessidade estercoando todos os anos 50% de suas lavouras. A divulgação dessa prática de modo a amparar toda a lavoura de S. Paulo, é uma medida que se impõe, se desejarmos manter a cultura dentro das divisas geográficas do Estado.

Não se trata, porém, de medida de fácil execução.

Conforme calculos publicados no Boletim "A Agricultura em São Paulo", Ano III n° 7, uma propriedade com 100 mil pés de café, para estercoar 50.000 pés todos os anos, necessitará de um rebanho de 277 cabeças, com o pasto necessário para sua manutenção, além de 50 alqueires de capineira para cortar o capim necessário à feitura do esterco.

Para se aplicar prática idêntica na parte da lavoura de São Paulo que não é adubada, teriam as propriedades de café de dispor de cerca de 450.000 alqueires de capineiras, além de cerca de 626.000 alqueires de boas pastagens para manter um rebanho de mais de 2,5 milhões de cabeças conforme mostra o Quadro I :

QUADRO I

Nº de cafeeiros a estercoar 1.000 pés	Quantidade de esterco de curral ton.	Quantidade de capim ton.	Area em capineiras. alqs.	Nº de bovinos cabeças	Area em pastagem alqs.
451.691 (1)	9.033.820	27.101.160 (2)	451.691 (3)	2.502.368 (4)	625.992 (5)

- (1) - deduziu-se de 50% do nº total de cafeeiros do Estado a quantidade já estercoada (12,3%)
- (2) - 3 vezes a quantidade de esterco produzida
- (3) - 1 alqueire produz 60 toneladas de capim
- (4) - 1 bovino produz 10 Kg. de esterco por dia e são necessários 0,277 bovinos para 1 tonelada de esterco de curral.
- (5) - media de 4 cabeças por alqueire

Para termos idéia da extensão da área ocupada para capineira, lembramos que em 1952/53 foram cultivados com algodão ... 399.497 alqueires, área essa 12% menor que a que deveria ser ocupada pelas capineiras e cerca de 36% menor que a coberta por pastagens.

A produção de esterco de curral é atualmente função de terras de baixo valor ou do aproveitamento de grotas e de terras de difícil aproveitamento que permitem o corte do capim. Mas, são condições difíceis de serem encontradas em nosso Estado, sendo ainda mais raras nas propriedades que exploram a cafeicultura.

Por isso, a produção de esterco torna-se fácil e de forma econômica, quando se trata de pequeno volume que permite adubar apenas porcentagem pequena da lavoura. Mas, torna-se muito difícil quando se deseja ampliar de modo a atender 50% da lavoura.

Para a produção de matéria orgânica em larga escala o composto parece oferecer melhores possibilidades.

Baseado nos estudos feitos junto a 4 propriedades em que se empregam métodos diferentes de fabricação, (ver "A Agricultura em São Paulo" Ano III N^o 7) pode-se organizar o quadro II, que mostra que a área de capineira, seria a metade da área necessária para a feitura do esterco de curral. E a necessidade de rebanho seria muito menor, pois, na fabricação do composto, o estrume é usado apenas como mistura inoculante.

QUADRO II

N ^o de cafeeiros a estercoar 1.000 pés	Quantidade de composto ton.	Quantidade de capim ton.	Área em capim alqueires
451.691	9.033.820	13.550.730	225.845

O rebanho que a propriedade cafeeira normalmente possui para suprir as suas necessidades em leite, embora pequeno, é suficiente para fornecer as quantidades de meios de fermentação ou de mistura inoculante indispensáveis para o preparo do composto. Assim, no Quadro II deixamos de considerar o gado bovino e a área ocupada por pastagens para a manutenção deste gado.

A produção de composto, assim como a do esterco de curral, em maior volume, exige a mecanização do corte e do transporte do capim a fim de ganhar tempo na operação. Isso porém, traz um encarecimento do custo; conforme mostra o Quadro III, em que se comparam os custos do esterco e do composto, feitos por processos diferentes, a produção de esterco pelo processo mais empírico apresenta custo inferior ao do esterco produzido por processos mecanizados. Isso por vezes devido ao alto preço das máquinas, manutenção cara e muitas vezes uso inadequado. O composto apesar de exigir operações adicionais de reviragem e irrigação, mostra custo inferior, porque exige me

por volume de capim.

Em resumo, a ampliação da produção de adubo orgânico nas propriedades agrícolas de São Paulo, deve-se apoiar preferivelmente na produção de composto, porque não exige grandes rebanhos e extensas áreas de terra para pasto e capineira. E deve também apoiar-se na mecanização do corte e transporte do capim, porque essas práticas permitem a feitura rápida dos montes de composto.

Quadre III

Custo de uma tonelada de Esterco de Curral e de Composto (1)			
	Esterco de curral	Esterco mecanizado	Composto
	CR\$	CR\$	CR\$
Valor do capim	18,00	18,00	9,00
<u>Corte, enleiramento e transporte</u>			
Braço	28,12	8,00	4,00
Carroça	8,03		
Burro	26,04		
Trator e tratorista		65,05	32,52
Ceifadeira		3,81	1,90
Carretela		12,38	6,19
<u>Preparo</u>			
Distribuição			4,40
Irrigação			3,33
Reviragem			5,33
Juros e depreciações das bemfeitorias			8,50
T O T A I S	80,19	107,24	75,17

(1) Custo formulado a partir dos dados de 4 propriedades descritas Agri cultura em São Paulo. Ano III - N^o 7.

LEVANTAMENTO ECONOMICO DA SUBDIVISÃO DE ECONOMIA RURAL
PREÇOS MÉDIOS RECEBIDOS PELOS LAVRADORES

MÊS DE JULHO DE 1953 +

Divisão de Economia Rural
Departamento da Produção Vegetal
Secretaria da Agricultura

Dados coletados pela Seção de Mercados e Preços

	ARROZ		FEIJÃO Srs de 60 Kg.	MILHO Srs. de 60 Kg.	CAFÉ		ALGODÃO EM CAROÇO		AMENDOIM Srs. 25Kg	MAMONA		BATATA Srs. de 60 Kg.
	Em saca Srs. 60Kg	Benef. 60Kg			Em saca Srs. 60Kg	Benef. Srs. 60Kg	Por arrraba	Em saca Srs. 25Kg		Por quilo		
Aracatuba	417,90	703,60	283,10	154,60	351,80	1.182,60	80,70	96,50	2,19	220,00		
Araraquara	422,50	676,00	286,20	136,50	400,00	1.222,60	80,00	95,70	2,90	315,00		
Avaré	404,00	700,80	226,40	144,10	390,40	1.312,20	80,50	100,00	2,50	-		
Baurú	401,20	683,60	219,00	125,00	365,90	1.168,10	78,10	91,80	2,71	168,80		
Bebedouro	414,90	689,70	288,20	124,60	344,20	1.179,20	77,40	87,70	2,74	218,30		
Brag. Paulista	350,00	711,20	273,50	153,00	366,60	1.167,60	-	-	-	211,50		
Campinas	445,80	694,00	278,80	139,70	368,80	1.100,00	82,20	-	-	233,80		
Catanduva	438,50	707,20	266,20	130,60	386,00	1.219,50	77,30	96,90	2,50	200,00		
Itapetininga	373,30	644,00	234,60	119,70	-	-	79,00	-	-	235,20		
Jaú	388,30	680,00	250,10	144,50	-	-	78,00	-	3,00	250,00		
Marília	450,20	713,10	260,80	137,30	370,30	1.132,90	79,90	100,70	2,67	205,40		
Piracicaba	451,90	717,90	262,20	135,30	391,60	1.235,20	83,40	100,00	-	240,00		
Pirassununga	408,40	668,40	283,80	135,70	372,40	1.105,30	86,60	-	-	194,00		
Pres. Prudente	405,90	663,40	240,50	129,00	372,90	1.286,30	79,70	76,00	2,52	159,50		
Ribeir. Preto	434,00	667,90	282,40	132,80	349,00	1.166,70	72,80	125,00	2,85	299,10		
S. José R. Preto	429,80	658,40	228,50	129,40	386,00	1.189,60	71,70	-	-	213,30		
São Paulo	364,80	638,10	223,60	140,90	300,00	1.100,00	-	90,00	-	234,60		
Taubaté	396,60	643,20	300,00	168,00	338,00	1.110,00	-	-	-	220,00		
Preço médio ponderado do Estado em Julho de 1953	421,00	682,70	260,70	136,00	372,30	1.193,50	78,50	98,00	2,68	212,20		
Idem Junho 1953	354,20	574,50	274,40	129,00	320,80	1.103,40	78,90	76,50	2,67	287,10		
" Maio 1953	324,20	559,60	318,50	129,30	330,30	1.127,70	79,50	82,30	2,69	322,70		
" Abril 1953	327,60	564,20	572,20	133,30	356,60	1.168,90	80,70	87,30	2,94	315,90		
" Março 1953	333,70	552,00	583,70	145,50	357,50	1.176,40	81,40	83,10	3,01	215,90		
" Fevereiro 1953	335,80	527,70	488,80	147,40	322,50	1.066,40	-	71,10	2,97	183,30		
" Janeiro 1953	296,20	477,00	379,60	116,20	325,40	1.081,60	-	67,90	3,19	190,80		
" Dezembro 1952	266,30	413,60	280,00	130,30	319,70	1.067,10	-	71,70	3,01	195,00		
" Novembro 1952	260,10	400,80	253,40	125,40	323,40	1.045,20	85,00	74,10	3,12	261,50		
" Outubro 1952	249,10	396,80	238,70	114,90	328,30	1.052,10	85,40	75,20	2,90	199,00		
" Setembro 1952	244,60	381,80	230,80	109,30	331,70	1.056,60	86,10	76,20	2,88	177,50		
" Agosto 1952	226,10	357,30	217,10	106,90	329,80	1.063,30	85,80	67,20	2,56	170,50		
" Julho 1952	204,30	330,50	189,20	100,50	317,90	1.070,10	85,80	65,80	2,79	166,80		

(*) Dados de 1953 sujeitos a revisão posterior

SITUAÇÃO DA LAVOURA

O tempo:- No principio do mês, houve ocorrência de fortes geadas em todo o Estado, causando sérios estragos em diversas culturas, tais como café, cana de açúcar, banana, mandioca, mamona, hortaliças e pastagens.

A temperatura declinou sensivelmente, baixando a menos de zero graus em diversas localidades da média Sorocabana.

Ocorreram fortes rajadas de ventos frios, prejudicando grandemente as lavouras.

As precipitações pluviométricas foram bem menores que as médias correspondentes nos anos anteriores, exceto nos setores de Avaré, Bebedouro, Catanduva, Itapetininga, Piraquunga, Ribeirão Preto, São José do Rio Preto e Taubaté.

Comparando-se as médias de junho com as de julho, nota-se que este mês foi mais sêco, ocorrendo maiores precipitações apenas nos setores de Baurú, da Capital, Itapetininga, Ribeirão Preto e Taubaté.

A média geral do Estado foi um pouco maior em Julho deste ano do que em igual mês nos anos anteriores, e menor do que em junho.

Setôres	Precipitação média mes de julho (1)	Precipitação média mes julho 953 (2)	Precipitação mes de junho 953 (2)
Araçatuba	27,0	15,8	21,9
Araraquara	18,6	12,5	25,4
Avaré	30,0	36,5	36,5
Baurú	19,8	17,6	15,2
Bebedouro	14,0	49,6	59,8
Brag. Paulista	35,7	21,2	26,8
Campinas	28,6	...	43,9
Capital	81,5	45,6	45,4
Catanduva	8,5	15,0	23,8
Itapetininga	41,2	52,3	48,8
Jau	18,0	17,3	25,3
Marília	30,6	18,8	29,8
Paraguai Paulista	36,0	23,8	31,2
Piracicaba	20,8	15,0	33,7
Piraquunga	14,1	31,2	37,4
Presid. Prudente	31,0	10,5	42,0
Ribeirão Preto	18,5	39,8	29,9
S. José do Rio Preto	7,0	22,3	28,1
Taubaté	27,2	39,1	14,9
Média do Estado	26,7	26,8	32,5

(1) - Média em numero variavel de municipios de cada setôr. O periodo de observação nestes municipios, variou de 5 a 55 anos.

(2) - Dados fornecidos pelos Agrônomos Regionais.

Café: - Segundo relatórios dos agrônomos regionais, as lavouras cafeeiras, especialmente as mais novas sofreram bastante com as geadas caídas em princípios de julho. As mais atingidas foram as da Alta e Média Sorocabana, seguindo-se as dos setores de Marília e Ribeirão Preto. Nas demais zonas do Estado, os estragos causados, de modo geral foram menores.

O aspecto das lavouras é apenas regular, devido não somente à colheita, como também à geada e aos ventos frios que fustigaram as árvores. Em consequência disto, porém, não foram constatados sérios ataques de pragas.

A colheita acha-se em fase final, estando terminada em muitas propriedades. O rendimento por sacco de 40 Kg. de café em côco, tem variado em torno de 19 a 21 Kg. de café beneficiado.

As lavouras, em geral, estão apresentando pequenas floradas, cujo pegamento está dependendo de chuvas mais abundantes.

Quase todas as replantas foram seriamente atingidas pela geada e por este motivo estão aumentando os pedidos de sementes.

Algodão: - Em fins de julho, estava praticamente terminada a colheita em todo o Estado, restando a fazer uma última catação em algumas lavouras mais tardias. Procede-se o arrancamento e a queima das soqueiras, notando-se que grande numero de lavradores não dão a esta pratica a devida importancia. Em áreas destinadas a pastagens ela não é realizada.

Em Ourinhos, Lucélia, Viradouro e Tupã, segundo o relatório dos Agrônomos Regionais, o interesse pelo cultivo desta fibra será maior do que o anterior previsto, em virtude dos prejuizos causados aos cafezais pela geada, ou ainda, por acreditar-se que esta determine uma substancial diminuição no ataque de pragas para o proximo ano agricola.

Os lavradores que possuem tratores, já iniciaram o preparo da terra, para o proximo plantio.

Cana: - As usinas continuam em plena atividade e, o córte dos canaviais atingidos pela geada foi acelerado, a fim de permitir um melhor aproveitamento, pois, êsse fenomeno climatico provoca a inversão da sacarose.

Para tanto muitos fornecedores ateiam fogo nos talhões para, em prazo de tempo mais curto, cortar e transportar o produto.

Nas regiões açucareiras como Piracicaba, Porto Feliz, Araras, etc., houve um entendimento geral entre usineiros e fornecedores de cana, ficando estabelecido que os lavradores que tiverem sua cultura mais atingida, têm preferencia na entrega do produto até que a situação se normalise.

O tempo sêco tem favorecido o aproveitamento desta cultura, facilitando as operações de corte e transporte e retardando a brotação dos canaviais atingidos, fato êste que provocaria uma queda no teor de sacarose.

Nas culturas novas, plantadas este ano, nas quais os efeitos da geada se fizeram sentir com maior intensidade, está sendo aconselhada a pôda visando facilitar a brotação e reduzir as perdas.

Amendoim da sêca: - Colheita praticamente concluída. O rendimento não foi dos melhores. Observou-se interesse por parte dos agricultores, em aumentar a área cultivada com esta leguminosa, devido à boa cotação do produto colhido.

Diversos lavradores estão retendo grande parte da produção da atual safra, para o plantio das águas.

Mamona: - Em andamento a colheita desta oleaginosa e, de um modo geral a produção será afetada pela geada.

Milho: - Grande parte do milho colhido foi comercializado. Entretanto existe ainda muito milho empalado para futuras vendas. Em consequência da diminuição da área de plantio do algodão e da geada no café, espera-se um grande aumento na área de plantio de milho.

Tem sido grande a procura de sementes nas Casas da Lavoura, principalmente de milho "híbrido". Em Itapêva é calculada a venda de sementes para mais de 5.000 sacos.

Trigo: - Essa cultura foi relativamente prejudicada pelas geadas, principalmente as que estavam em floração. Em Itapetininga a variedade "Kenia", mostrou-se bastante sensível à ação da geada, que provocou um amarelecimento das folhas. Em Itapêva, notaram-se pequenos focos de "ferrugem", porém, estes focos, até o momento não têm causado nenhum dano. De um modo geral as plantações apresentam bom desenvolvimento vegetativo e o espigamento e granação estão se processando satisfatoriamente. Foi notado o aparecimento do fungo "Helminthosporium"; todavia já foram tomadas providências para o combate.

Nesta região os danos causados pela geada foram da ordem de mais ou menos 15% da produção esperada.

Arroz: - Com as chuvas caídas neste mês, houve facilidades para que os agricultores, se dedicassem aos trabalhos de limpeza da terra e aração. Os trabalhos de preparo do solo prosseguem normalmente.

Em consequência do desinteresse pela cultura de algodão, da geada e da falta de preços compensadores, está havendo grande procura de sementes deste cereal, nas Casas da Lavoura.

Reina uma expectativa geral aguardando uma garantia de preços pelo Governo. Em todo o Estado, espera-se um aumento de área plantada. Em Itapêva, espera-se um aumento de área, levando

do-se em conta que a patrulha Moto-Mecanizada do Ministério da Agricultura, está aparelhada para fazer a operação de colheita desta graminea, mecanicamente.

Feijão: - Está praticamente terminada a colheita do feijão da seca, com bom rendimento.

Os lavradores mostram-se entusiasmados com esta cultura, prometendo intensificar o seu plantio.

Soja: - Muito embora a campanha encetada pela Secretaria da Agricultura, no sentido de incentivar o cultivo da soja, tenha encontrado ambiente propício junto aos lavradores, particularmente pelos que necessitam de forragens para as criações, a falta de conhecimento de preços do produto e as dificuldades de colheita, têm restringido o seu plantio no Estado.

No entanto, espera-se que esta cultura, dentro em breve, seja plenamente adotada, em virtude de suas múltiplas aplicações.

O aumento dos campos de cooperação, em diversas regiões, demonstra o interesse que esta leguminosa está despertando.

Batatinha: - A colheita da seca está sendo intensificada em todo o Estado, com perspectivas de boa safra.

Ha interesse geral pela cultura, nas zonas produtoras, porem a falta de sementes, pelo que se preve, sera fator limitante da area a ser plantada.

As lavouras plantadas cedo, foram sensivelmente prejudicadas pela geada, principalmente no setor de Avaré.

Mandioca: - Nos setores de Campinas, Piracicaba, Parauaçu Paulista e Avaré, e na região de Sorocaba, as culturas em geral, foram prejudicadas pela geada. A parte aérea foi a mais atingida, o que vai determinar falta de manivas para o proximo plantio, fato que, aliás, já vinha ocorrendo.

Tomate: - Essa cultura foi uma das que mais sofreu em consequencia das geadas. As perdas foram grandes em todas as regiões de produção. Neste mês ainda tiveram lugar novas semeaduras. Continuam os trabalhos de repicagem e transplante. Em Monte Alto, com a geada ocorrida, varias lavouras de baixadas foram total ou parcialmente destruidas. Devido á geada e ataques sucessivos de molestias, estima-se em 50% a quebra da produção da presente safra; A colheita continúa fraca, estando bastante atrasada em relação a safra anterior.

Laranja: - Está em andamento a colheita. As variedades precoces já se encontram colhidas, tendo se iniciado a colheita da "pêra" em alguns pomares. As chuvas ocorridas, embora em pequena escala, não deixaram de beneficiar os pomares em formação. Em nada se tiram os pomares com a geada verificada, continuando com bom aspecto

geral, já se preparando para as próximas floradas de agosto e setembro. Os pomares estão praticamente no limpo e em grande parte, já adubados. Em Limeira, tem sido grande o prejuízo causado pela "mosca das frutas", sendo esta praga a responsável pela perda de milhares de caixas em novos pomares.

Uva: - Com a ocorrência da geada, houve uma paralisação completa da brotação que começava a se esboçar em vinhedos localizados em zonas mais quentes e lugares mais altos.

Banana: - A geada atingiu seriamente os bananais de todo o Estado principalmente no Setor da Capital, onde se concentra a maioria dos produtores. Calcula-se que os prejuízos foram acima de 40% o que pode determinar escassês do produto.

O emprego de leguminosas na adubação verde, está se tornando comum, em virtude dos bons resultados apresentados.

Abacaxi: - No Setor de Jaú, estima-se em 200.000 o número de pés prejudicados pela geada; em São Joaquim da Barra, em 400.000 e no Setor da Capital, em mais de 4 milhões.

Espera-se, portanto, pequena produção na próxima safra.

Melancia: - Em virtude da intensa procura de sementes para plantio, caso não haja outros contratemplos, além da geada, será promissora a próxima safra.

MERCADOS E PREÇOS

Café:- Em julho, a nota marcante na praça de Santos foram os efeitos das geadas ocorridas no início do mês. Como de hábito em circunstâncias semelhantes, as primeiras reações do mercado foram de grandes altas nas cotações para logo após, quando os fatos já permitiam melhor exame da situação ocorrer pequenas oscilações tendentes ao reajuste dos preços. Assim é que, no primeiro dia de negócios após a geada do dia 5, o disponível acusou alta de Cr\$... 20,00 por 10 quilos no que foi acompanhado pelo mercado de entregas diretas. Seguiu-se alguns dias de expectativa com leves oscilações tendendo para a baixa. Ao findar-se o mês entretanto, o mercado voltou a firmar-se e a diferença de cotação entre o princípio e o fim do mês acusou uma alta de Cr\$26,00 por 10 quilos. Estas diferenças de cotação podem ser melhor apreciadas no quadro seguinte:

Quadro I
CAFÉ - JULHO
Cr\$ por 10 quilos

DIAS	Disponível Estilo Santos tipo 4	ENTREGAS DIRETAS			
		mes presente	Jul Dez.	Jan/Jun.54	Jul/Dez.54
1	206,00	205,00	210,50	220,00	222,00
31	232,00	235,00	237,00	247,00	267,00
Dif.	+26,00	+30,00	+26,50	+27,00	+45,00

Em Nova-York os preços acusaram também os efeitos dessas ocorrências, passando o café Santos tipo 4 de 56,50 cents por libra no dia 1º para 62,25 no último dia de julho. Nesse mês, os preços do café Santos continuaram mais elevados que os demais cafés negociados em Nova York.

A nova regulamentação referente a venda das cambiais de exportação do café, baixada em princípios de agosto pela Superintendência da Moeda e do Crédito veio trazer substanciais modificações no preço interno do produto. Pela nova regulamentação fica aos exportadores facultada a venda no mercado livre da "parte das cambiais que excederem os seguintes limites: por saca.

- Estilo-Santos-em qualquer porto salvo Paranaguá- 68 dolares.
- Estilo-Santos-Porto de Paranaguá 67 dls.
- Estilo e bebida Rio - em qualquer porto exceto Vitoria - 60 dolares.
- Estilo e bebida Rio-Porto de Vitoria- 56 dolares.

A importância dessa medida sobre os preços internos do produto irá depender do excedente das cotações sobre os níveis acima.

Assim por exemplo, tomando-se a cotação média da semana da citada resolução, isto é, de 7 a 13 de agosto, verificamos q

que a mesma foi de 60,75 cents. por libra para o Santos tipo 4, em Nova York. Este preço corresponde aproximadamente a 75,62 dolares por saca de 60 quilos posto FOB Santos. Neste caso, teriamos um excedente de 7,62 dolares (75,62-68,00) que poderiamos ser vendidos no cambio livre. Admitindo que o valor do dolar nesse cambio fosse de Cr\$.40,00 e levando-se em conta que 68 dolares teriam que ser vendidos a razão de Cr\$.18,36, iriamos ter um valor fob de Cr\$..... 1.553,28 por saca ou seja Cr\$.1.481,28 posto armazem Santos. Este ultimo valor, corresponde á Cr\$.246,00 por 10 K.

Si não houvesse esse sistema, isto é, si todas as cambiais tivessem que ser vendidas no cambio oficial, iriamos obter a quantia de Cr\$.1.316,38 posta no armazem em Santos ou, Cr\$..... 219,40 por 10 quilos. Teriamos assim, uma diferença para menos de Cr\$.165,00 por saca ou Cr\$.17,50 por 10 quilos.

Essas seriam as diferenças a mais que se obteriam, com as recentes modificações, caso o preço do café Santos 4 mole em Nova York fosse de 60,75 cents por libra. É difícil prever-se qual será o nível de preços em que se estabilizará o mercado, no entanto após a citada resolução da SUMOC, houve ligeiras quedas nas cotações em Nova York, ao mesmo tempo que se verificavam altas em Santos.

O maximo de queda possível seria o correspondente a 70 dolares por saca, FOB, Santos que é o atual preço mínimo do café tipo 4 Estilo Santos. Essa base corresponde a, aproximadamente, 56,50 cents por libra em Nova York. A esses níveis de preço teriamos o valor de Cr\$.1.256,50 por saca, posto armazem em Santos, ou seja Cr\$.209,41 por 10 quilos, de acordo com essa ultima resolução da SUMAC. Caso todos as cambiais do café tivessem que ser vendidas no cambio oficial, teriamos Cr\$.1.213,20 por saca, ou Cr\$.202,20 por 10 quilos. Nesse caso extremo obter-se-ia a mais, apenas, ... Cr\$.43,30 por saca de 60 quilos, ou Cr\$.7,40 por 10 quilos.

O movimento de exportação em julho foi bastante fraco. O total exportado pelo Brasil foi de 879,433 sacas, menos ainda do que o embarcado em junho e cerca de 200 mil sacas inferior de volume exportado em julho de 52. A exportação por Santos foi relativamente ainda mais fraca, pois foram exportados para o exterior somente 381,731 sacas, volume esse o menor verificado nos ultimos anos. Esse total é inferior em 327.889 sacos ao exportado em igual periodo do ano passado.

Os preços no interior também refletiram as altas verificadas nos demais mercados. Assim o preço medio recebido pelos lavradores foi de Cr\$.372,30 por saca de café em coco e de Cr\$..... 1.193,50 por saca de café beneficiado, ou seja maiores em Cr\$..... 43,50 em Cr\$.90,10 respectivamente que os verificados um mês antes.

Algodão:- A safra mundial (1) de 1952/53 encerrou-se em 31 de julho p.passado com um carry-over de 15,5 milhões de fardos. Este volume é identico ao registrado em igual data de 1950. Mas sensivelmente superior aos existentes em 31 de Julho de 1951 e 1952 reg

pectivamente (10,6 e 13,3 milhões de fardos). De notar que esse aumento foi inferior ao verificado no carry-over norte-americano, o qual passou de 2,8 para 5,2 milhões de fardos. A pequena melhoria verificada na redução dos estoques finais dos demais países, foi assim mais que contrabalançada pelo acréscimo nos estoques norte-americanos. Por sua vez, este acréscimo do carry-over nos EE.UU. se devem exclusivamente as pesadas reduções nas exportações daquele país já que o consumo acusou um leve aumento (9,6 e 9,2 milhões de fardos respectivamente em 1952/53 e 51/52)

As exportações norte-americanas atingiram apenas 3.146.180 fardos na safra recém terminada ou seja cerca de 53% dos 5.514.767 fardos exportados de 1º de Agosto de 1951 a igual data de 1952.

Quanto ás estimativas para a produção mundial da safra 1953/54, iniciada em 1º de Agosto deste, giraram elas em torno de 26,9 milhões de fardos. De notar todavia que esta primeira estimativa é muito antecipada e por conseguinte sujeita a grandes mudanças. A pequena redução verificada em relação á safra de 1952/53 (28,4 milhões) deve ser atribuída ás dificuldades de exportação e á queda no preço internacional do produto.

No total de 26,9 milhões de fardos, os EE.UU. contribuiriam com 14,6 milhões ou, volume quasi identico aos 14,9 do ano anterior. Vemos assim que, apesar de ter sido este país um dos que mais sentiram as dificuldades da situação algodoeira mundial, os reflexos na produção foram pouco perceptíveis. Para esta ocorrência a principal justificativa parece ser os altos niveis de preço assegurados pelo governo norte-americano. É quasi certo que o volume da presente safra norte-americana levará as autoridades daquela nação a propor a restrição da área de plantio da futura safra (1954/55). Provavelmente essa restrição estabelecerá uma área de plantio suficiente para uma produção de 10 ou pouco mais milhões de fardos. A lei que regula a materia impede que as limitações de área possam ser de ordem a produzir volume inferior a 10 milhões de fardos.

A despeito da menor produção mundial aguarda-se em consequencia do maior carry-over um suprimento total em 1953/54 levemente superior ao da estação passada (42,4 e 41,7 milhões de fardos respectivamente.)

Em resumo, pode-se afirmar que as perspectivas para a estação ora iniciada são mais ou menos semelhantes ás condições vigentes na safra anterior. Provavelmente o excesso do Suprimento sobre o consumo sera ainda acentuado. Quanto aos algodões do tipo americano dificilmente se poderá vaticinar melhoria na situação, pois o carry-over norte-americano que em 1º de agosto de 52 foi de 2,8 milhões de fardos e agora passou para 5,2 poderá atingir 7 milhões no inicio de agosto de 1954, caso não se verifique substancial aumento nas exportações.

A posição estatística do algodão poderá ser verificada com maiores detalhes no quadro seguinte:

SITUAÇÃO ESTATÍSTICA MUNDIAL DO ALGODÃO
 (EXCLUINDO A RUSSIA E PAÍZES SATELITES)
 ANOS COMEÇANDO EM AGOSTO - MILHÕES DE FARDOS DE 217 QUILOS

SUPRIMENTO	1947/	1948/	1949/	1950/	1951/	1952/	1953/
	48	49	50	51	52	55 (1)	54 (2)
Estoques(1º Agosto)							
EE.UU.	2,5	3,1	5,3	6,85	2,3	2,8	5,2
Outros	<u>14,2</u>	<u>9,6</u>	<u>8,2</u>	<u>8,65</u>	<u>8,3</u>	<u>10,5</u>	<u>10,3</u>
Total	16,5	12,7	13,5	15,50	10,6	13,3	15,5
Produção							
EE.UU.	11,7	14,6	16,0	9,9	15,1	14,95	14,6
outros	<u>8,8</u>	<u>9,6</u>	<u>10,7</u>	<u>12,3</u>	<u>13,5</u>	<u>13,45</u>	<u>12,3</u>
Total	20,5	24,2	26,7	22,2	28,6	28,40	26,9
Suprimento total	37,0	36,9	40,2	37,7	39,2	41,7	42,4
<u>DISTRIBUIÇÃO</u>							
Consumo							
EE.UU.	9,4	7,9	8,9	10,5	9,2	9,6	
outros	<u>13,5</u>	<u>14,4</u>	<u>15,0</u>	<u>16,2</u>	<u>15,9</u>	<u>15,8</u>	
Total	22,9	22,3	23,9	26,7	25,1	25,4	
Estoques(31 Julho)							
EE.UU.	3,1	5,3	6,85	2,3	2,8	5,2	
Outros	<u>9,6</u>	<u>8,2</u>	<u>8,65</u>	<u>8,3</u>	<u>10,5</u>	<u>10,3</u>	
Total	12,7	13,5	15,50	10,6	13,3	15,5	
	35,6	35,8	39,4	37,3	38,4	41,2	
Diferença (3)	1,4	1,1	0,8	0,4	0,8	0,5	

(1) - Dados não definitivos

(2) - Estimativas

(3) - Corresponde as exportações para a Rússia e países satélites.

FONTES: International Cotton Advisory Committee
 B.A.E. (U.S.D.A.)

Na Bolsa de Mercadorias de S.Paulo, o mercado permanece muito desanimado, bastando dizer que apenas em 4 dias do mês foram efetuados negócios. O movimento do contrato "C" na Caixa de Liquidação de Santos S/A continua bem superior ao do contrato nacional. Entre o princípio e o fim do mês, foram pequenas as modificações ocorridas nas cotações do produto, conforme se pode constatar pelo exame do quadro seguinte:

BOLSA DE MERCADORIAS DE SÃO PAULO
ALGODÃO EM PLUMA - Cr\$ por 15 quilos
Julho

Dias	Disponível tipo 5	Termo - Contrato Nacional					
		mês presente	Outub.	Dez.	Março 54	Maió 54	Julho 54
2	240,00	237,75	235,50	237,75	240,00	229,50	-
31	233,00	-	234,00	237,00	239,25	228,75	225,00
Difer.	7,00	-	-1,50	-0,75	-0,75	-0,75	-

CAIXA DE LIQUIDAÇÃO DE SANTOS S/A
CONTRATO "C" - JULHO
Cr\$. por 15 quilos

Dias	Outubro	Dez.	Março 54	Maió	Julho
2	243,00	250,00	260,50	261,00	-
31	238,00	244,50	254,50	259,00	260,00
Diferenças	-5,00	-5,50	-6,00	-2,00	-

Até o dia 31 de julho, tinham dado entrada nas máquinas 625.836 toneladas de algodão em caroço ou, cerca de 3,8% superior a estimativa da safra. No ano passado registou-se idêntica ocorrência com as entradas até 31 de julho superando as estimativas da safra. Si as entradas até a citada data apresentarem uma porcentagem em relação ao total final igual à porcentagem média das entradas das últimas 6 safras (86,15) iremos obter pouco mais de 686.000 toneladas ou seja cerca de 45.780 arrobas.

Os quadros III e IV fornecem, respectivamente, em detalhes as quantidades de algodão em caroço entrada nas máquinas até 31 de julho deste, e os totais com a discriminação dos tipos de algodão da presente safra adquirido pela Comissão de Financiamento da Produção até o dia 31 de maio p. passado.

A porcentagem representada pelas quantidades dos diversos tipos adquiridos concorda a grosso modo, com a distribuição porcentual dos tipos em todo o algodão entrado nas máquinas. Isto mostra que, o atual sistema de preços mínimos com o estabelecimento de agios e desagios para os diversos tipos de algodão em caroço não torna interessante aos detentores da mercadoria a retenção dos tipos melhores e a entrega dos algodões inferiores tal como ocorreu na safra passada.

RELAÇÃO DO ALGODÃO EM CAROÇO RECEBIDO PELAS USINAS
DE BENEFICIAMENTO DE 1º DE MARÇO A 31 DE JULHO DE 1953.

SETORES	Ate 30-6-953 toneladas	Mês de Julho Toneladas	Ate 31-7-953 Toneladas
Araçatuba	80.145	20.239	100.384
Araraquara	3.653	861	4.514
Avare	7.427	2.529	9.956
Bauru	8.109	1.288	9.397
Bebedouro	17.051	2.635	19.686
Bragança Paulista	-	-	-
Campinas	9.704	2.101	11.805
Capital	-	-	-
Catanduva	3.513	520	4.033
Itapetininga	945	635	1.580
Jau	962	417	1.379
Marília	91.980	16.260	108.240
Paraguacu Paulista	39.598	6.141	45.739
Piracicaba	4.826	1.599	6.425
Piracununga	16.130	3.245	19.375
Presidente Prudente	156.675	32.433	189.108
Ribeirão Preto	31.724	7.870	35.594
S. José do Rio Preto	46.280	8.341	54.621
Taubaté	-	-	-
S O M A S	518.722	107.114	625.836
EM 1952	684.346	191.491	875.837
DI FERENÇAS	-165.624	-84.377	-250.001

FONTE: -Secção de Fisc. e Classificação de Fibras Textéis S.A.

RELAÇÃO DO ALGODÃO EM CAROÇO ADQUIRIDO PELA COMISSÃO DE
FINANCIAMENTO DA PRODUÇÃO E CLASSIFICADO PELOS
FUNCIONARIOS DA SECRETARIA DA AGRICULTU-
RA NO INTERIOR DO ESTADO, ATÉ 31
DE MAIO DE 1953.

T I P O	Total comprado até 31-5-1953	%
Superior	9.583	0,00619
Bom	10.243.379	6,62
Regular	118.204.101	76,44
Sofrível	23.574.727	15,24
Inferior	2.596.422	2,67
	<u>154.628.212</u>	<u>100,00</u>

COMENTÁRIOS A RESPEITO

O ANO AGRO-PECUÁRIO 1952/53.

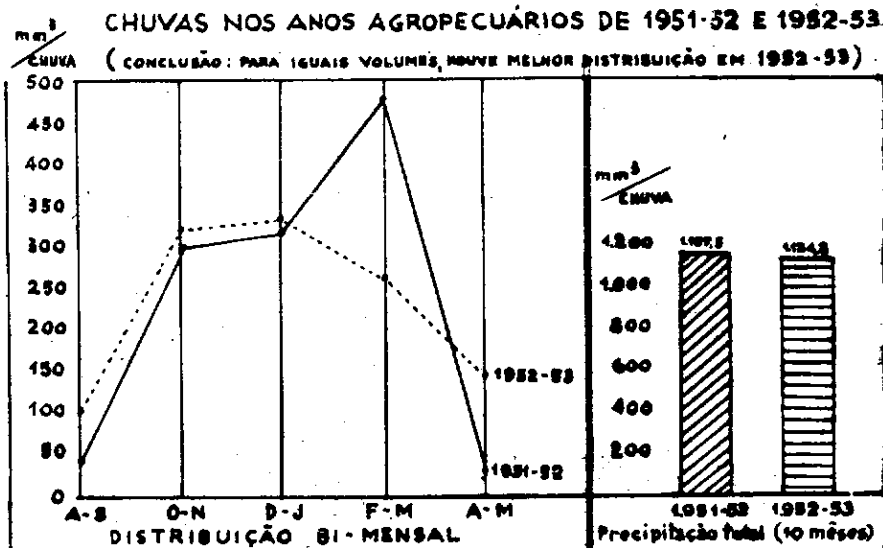
MEDIDAS DE RECUPERAÇÃO ACONSELHÁVEIS

Estudo apresentado pelo Dr.
J. Barison Villares ao Dire-
 tor do D.P.A.

Baseado no estudo comparativo de dados meteorológicos remotos e recentes, alguns técnicos acreditam que o clima do Estado está sofrendo uma evolução no sentido de tornar o inverno mais quente e seco, e o verão mais chuvoso. O Ano agro-pecuario de 1952/53 representa, por assim dizer, uma tentativa de volta ciclica as antigas normas climaticas, onde predominava a melhor distribuição de chuvas durante o ano, com inverno rigoroso, as vezes acompanhado de geada. Esses dois fenomenos climaticos, agora registrados, - distribuição de chuvas mais regulares numa região de precipitações periodicas e de ondas de frio na faixa tropical - precisam ser considerados conjuntamente para se avaliar as consequencias no setor da pecuaria de corte.

A - DISTRIBUIÇÃO DE CHUVAS NO ANO
PECUÁRIO 1952/53.

O ano pecuario para efeito destas notas tem inicio na primavera, quando as pastagens artificiais ou naturais se renovam com o aparecimento das primeiras chuvas e vai até ao inverno seguinte, quando as plantas forrageiras chegam ao fim de seu ciclo evolutivo, dessecam se, quasi morrem, aguardando as sementes e plantas o novo ano agrostologico.



Dados de 19 localidades distribuidas pelo Estado de São Paulo.
 (Dept. Aguas e Energia Elétrica)

Para o gado de corte, tanto novilhos de engorda, como vacas de cria os piores meses do ano são os de setembro e outubro, em vista das baixas precipitações ocorridas em agosto, setembro e outubro. De um certo tempo aos nossos dias, os dados meteorológicos registram que esses meses são particularmente secos. Talvez, o ano de 1951/52 represente bem aquela evolução, comparativamente aos períodos passados. Não resta dúvida que em 1952/53 aproxima-se mais das precipitações ocorridas em outros tempos.

Os meses de novembro, dezembro e janeiro costumam receber as maiores precipitações do ano, sendo agora as chuvas mais concentradas nesse período do ano, do que nos tempos passados. É a tendência para maior periodicidade das chuvas em São Paulo. É possível que o ano de 1951/52 indique, até certo ponto, o estado atual dessa evolução, enquanto que no ano de 1952/53 operou-se sensível distensão de período de chuvas, graças a uma mais regular distribuição do ano pecuario, como se pode ver no gráfico anterior.

O quadro de precipitações comparativas no período longo de observação, no ano de 1951-52 e 1952-53 é o seguinte para a Fazenda Experimental de Criação, em Sertãozinho, cujos dados aproxima-se dos registrados para o Estado, conforme o gráfico anterior.

OBSERVAÇÃO DE 5 A 55 ANOS	1951	1952	1953	
Trimestre da seca - Agosto, Setembro e Outubro.	205,0 mm./3 meses.	105,3 mm./3 meses	232,2 mm./3 meses	--
	68,3 mm./1 mes.	34,3 mm./1 mes	74,0 mm./1 mes.	--
Trimestre de chuvas - Novembro, Dezembro e Janeiro	648,2 mm./3 meses	647,7 mm./3 meses	507,7 mm./3 meses	--
	216,1 mm./1 mes	215,9 mm./1 mes	169,2 mm./1 mes.	--
Bimestre intermediario	110,0 mm./2 meses	9,3 mm./2 meses	51,3 mm./2 meses	102,3 mm./3 meses
Abril - Maio	55,0 mm./1 mes	3,1 mm./1 mes	25,6 mm./1 mes	51,0 mm./1 mes.

Contrariando ao que se vinha observando, no trimestre de Agosto, Setembro, Outubro de 1952, obtivemos uma precipitação total de 232,2 mm., a qual é mais do que o dobro das chuvas do mesmo período de 1951 e cerca de 13,1% maior do que a média do período de longa observação. Isso significa que nos meses mais difíceis para o gado de corte, as pastagens se renovaram depressa graças as precipitações abundantes chegadas mais cedo. Praticamente, não tivemos um período de seca tão benigno quanto em 1952, como adiante demonstraremos com vacas de nossas experiências.

O trimestre seguinte, de novembro a janeiro caracteriza-se por chuvas abundantes, segundo os registros pluviométricos, não recebeu em 1952/53 o mesmo volume de água dos anos anteriores. Em novembro, dezembro e janeiro de 1952/53, as precipitações totais alcançaram apenas 507,7mm. essa altura de chuvas é bastante inferior ao período correspondente de 1951 com 647,7mm. ou ao período análogo de maiores observações com 648,2mm. de chuva. A redução do volume de chuvas, neste trimestre, prejudicou consideravelmente o rendimento agrícola das várias culturas comerciais, como arroz, algodão e milho. A extensão dos efeitos da falta de chuva nesse decisivo trimestre agrícola pode ser avaliada pela quebra das estimativas de safras, feitas pela Sub-divisão de Economia Rural.

O quadro seguinte mostra as estimativas de safras, feitas nos primeiros e nas últimas fases das culturas do ano 1952/53, atribuindo-se a falta de chuvas em volume suficiente as quebras registradas.

	Arroz sacas	milho sacas	algodão sacas
2ª Estimativa (antes da seca)	11.792.860	19.007.152	44.747.964
7ª Estimativa (final das colheitas)	9.042.992	16.526.823	40.212.210
QUEBRAS	-2.749.868 ou 23,3%	-2.380.339 ou 12,5%	-4.535.754 ou 10,1%

Vários estudiosos interpretaram como conseqüências da diminuição de chuvas nas épocas em que se faziam necessárias as quebras de 23,3% nas safras de arroz, de 12,5% nas de milho e de 10,1% nas de algodão, sem falar noutros cultivos.

É importante registrar que a maior regularidade de chuvas no ano pecuario 1952/53, caracterizada pelo aparecimento precoce das chuvas abundantes em outubro e pela precipitação regular nos demais meses da primavera e verão, em lugar de prejudicar as plantas forrageiras a semelhança das plantas cultivadas, como milho, arroz e algodão, trouxe às pastagens grandes benefícios. O crescimento das plantas forrageiras pode efetuar-se com menos insecto e mais regularidade prolongando o ciclo vegetativo por mais tempo. A relativa falta de chuvas abundantes não estimulou o desenvolvimento das gramíneas forrageiras com aquela velocidade habitual, de modo que os bovinos foram capazes de controlar os pastos pelo pisoteio e pastoreio. Em condições de precipitações volumosas, o crescimento das plantas forrageiras adquire tal ímpeto, estimuladas pela umidade, calor e outros da fotossíntese, que supera o pastoreio e pisoteio. Então os bovinos tiveram à sua disposição melhores pastagens durante os meses críticos, devidos as chuvas precoces em agosto, setembro e outubro de 1952, e continuaram a ter boas pastagens controladas no verão e outono de 1953, porque a regular distribuição de chuvas prolongou a estação de bons prados e di-

latou o ciclo vegetativo, com aparecimento tardio das formações florísticas das espécies forrageiras, em muitos lugares do Estado. É notável que no bienio abril-maio de 1953 tivesse ocorrido ainda 102,6mm. de chuva, como garantia para novas rebrotações de plantas no outono, quando em igual período de 1951 e 1952 ela foi 10 vezes menor e 2 vezes mais baixa, respectivamente.

Uma das fazendas experimentais do Departamento da Produção Animal, dos lotes de vacas, mantidos em pastagens de capim jaraguá, justamente naquela gramínea forrageira que melhor responde à distribuição de chuvas, brotando depressa quando há humidade e secando antes das demais quando sobreveem secas, prestam-se para a demonstração concreta da nossa tese. Isto é, que o ano agro-pecuária de corte, no aspecto de ganho de peso e manutenção do peso, comparativamente aos últimos anos, em virtude de certa distribuição de chuva, O quadro abaixo mostra o peso medio de dois lotes de vacas raça Guzerá, adultas, em regime de pasto, sal e minerais, e isentos de alimentação suplementar:

LOTES	Seca	Seca	Diferença de peso	Agua	Agua	Diferença de peso
	1951	1952		1952	1953	
A	400 Kgs	468 Kgs	68 Kgs	531 Kgs	589 Kgs	58 Kgs
B	393 Kgs	445 Kgs	52 Kgs	509 Kgs	555 Kgs	46 Kgs
DIFERENÇAS TOTAIS - Lote A - 126 Kgs; Lote B - 98 Kgs.						

Em se tratando de agrupamento de bovinos adultos, um tanto livres das oscilações de peso em função do crescimento ponderável, ponderável, essas dois lotes indicariam que as modificações de peso podem ser atribuídas ao estado de gordura dos animais. Durante o período seca de 1951, seca normal nos últimos anos, os lotes A e B pesavam respectivamente 400 e 393 quilos em outubro, o peso mais baixo do ano. No igual período de 1952, mas, cuja seca é pouco intensa e menos prolongada, graças ao aparecimento de boas chuvas, sobretudo em outubro, os lotes não perderam tanto peso como nos anos passados, pois tinham 468 e 445 quilos. A diferença de peso a favor do gado durante a seca de 1952, relativamente a de 1951, é 58 quilos para o lote A e 46 quilos para o lote B. As vantagens assinaladas nesta estação poderão ter repercussões nos períodos seguintes do ano pecuario.

Durante a estação de chuvas de 1952, novembro a janeiro, as vacas tiveram rápidos ganhos de pesos, que continuaram até o mês de maio, onde a escassez de precipitações limitou o aumento de peso. Nesse período as vacas ganharam 131 e 114 quilos, atingindo o peso total de 531 para o lote A e 509 para o lote B. No decorrer da estação de chuvas de 1953, também de novembro a janeiro, as vacas ganharam pesos rápidos continuamente até junho, onde o aparecimento de fortes geadas fez parar o ganho. Nesse período, as vacas ganharam 120 e 110 quilos, o que é muito próximo dos ganhos do ano anterior. Isso significa que a deficiência de chuvas de novembro a janeiro de 1952/53, que ocasionou prejuízos consideráveis às plantações de milho, arroz e algodão, não atingiu o gado de corte, pois a velocidade de engorda foi praticamente igual entre os dois anos 1951/52. Como as vacas, em outubro de 1952, superaram os pesos observados em outubro de 1951, resultou que em junho de 1953 os lotes A e B pesavam 589 quilos respectivamente, ao passo que em maio de 1952 eles só alcançaram 531 e 509. As diferenças de 58 e 46 quilos para o período de chuvas e de 68 e 52 para o período de seca entre 1951/52 e 1952/53 fizeram com que as vacas tivessem uma vantagem média de 126 e 98 quilos para os lotes A e B. Portanto, a distribuição de chuvas, menos periódicas, em lugar de prejudicar, favoreceu apreciavelmente o estado das vacas.

Estas considerações, a base de observações e de dados experimentais, permitiram fixar os seguintes pontos:

- 1 - o período da seca de 1952 foi menos severo para o gado de corte, do que anos anteriores, quando a falta de chuvas era mais acentuada;
- 2 - o período de águas de 1953 foi tão bom ou melhor do que os anteriores, não tendo havido para o gado de corte as mesmas consequências da diminuição de chuvas, observadas para varias culturas;
- 3 - ao ter início o período da seca de 1953, as pastagens eram mezes duras, mais comestíveis e menos secas do que em épocas correspondentes dos anos passados;

- 4 - os bovinos de corte, novilhos ou vacas, apresentavam-se no começo da estação de seca em junho de 1953, com maiores reservas orgânicas, para atravessar o período crítico de pastagens insuficientes e deficientes, do que nos anos anteriores, a julgar-se pelo peso do gado.

B - ONDAS DE FRIO COM GEADAS:- a favorável situação do gado de corte no início da estação de seca de 1953 sofreu modificações, em virtude de ondas de frio intenso, acompanhadas de fortes e repetidas geadas, terem assolado várias regiões do Estado. A intensidade do fenômeno e suas repercussões agrostológicas foram variáveis de uma região para outra, conforme se depreende das observações feitas por técnicos regionais. Em geral, as pastagens foram duramente atingidas, porque elas situam-se nas partes mais baixas da configuração do terreno, cujos altos são ocupados pelos cafeeiros e ainda pelo fato das espécies botânicas usadas serem sensíveis a ação da geada. Os capins gordura, jaraguá, colônia, sempre-verde e outras, não resistentes a ação desse fenômeno, embora em geral não cheguem a morrer. Apenas os capins quiquio e outras gramíneas sem maiores expressões na engorda ou criação de bovinos, não foram igualmente castigados. As pastagens naturais dos campos e cerrados mostraram-se mais resistentes.

O frio intenso, seguido de geadas, assemelha-se a uma seca brusca, a seca fisiológica, que provoca o dessecamento e até morte das plantas mais sensíveis. De um momento para outro, o gado teve uma brusca mudança na situação dos seus alimentos, que se tornaram secos. Ocorreu a substituição repentina de plantas ainda suculentas e apetitosas, por forragens ressequidas e duras.

Essas modificações das plantas forrageiras tiveram lugar no instante em que as rações precisavam ter mais alto valor energético, afim de que o gado pudesse, na qualidade de homeotermico, manter a sua temperatura corporal num ambiente de frio intenso. A elevação das combustões orgânicas, produzindo maior calor interno, para compensar as perdas caloríficas aumentadas pelo frio externo, será feita às expensas das reservas orgânicas. Si o gado não encontrar pastagens de alto valor energético, e as plantas desseçadas pela geada e já no fim de sua maturação não são ricas nos vários elementos, terá uma rápida perda de peso. Sobretudo o gado de corte, com bastante sangue de zebu, sofrerá perdas mais rápidas e intensas, porque zebuino não pode reduzir as perdas físicas de calor, em vista de sua maior superfície irradiadora. Por felicidade, o estado de gordura do gado de corte permitirá que ele perca peso, sem sérios perigos a sua vida.

Na demonstração destes pontos de vista, ainda nos servimos dos dois lotes A e B, de vacas buzera, mostrando os seus pesos nos meses de junho, julho e agosto de 1952, quando não ocorreu geadas e nos mesmos períodos de 1953, quando as ondas de frio prejudicarem simultaneamente o gado por ação direta e muitas plantas sensíveis, atingindo os animais indiretamente.

LOTES	Peso	Peso	Peso	Diferença	Peso	Peso	Peso	Diferença
	Junho 52	Junho 52	Agos- to 52	para mes	Junho 53	Julho 53	Agos- to 53	para mes.
A	517,0	501,5	500,8	-15,5- 0,7	585,0	538,9	500,9	- 46,1 -38,9
B	497,9	474,0	465,7	-23,9- 9,3	558,0	515,4	503,0	- 42,6 -12,8

Entre os meses de junho, julho, e agosto de 1952, quando não ocorreu geadas, as vacas perderam peso em virtude da composição das pastagens, mas foi uma perda moderada, de 15 e 0,7 para o lote A e de 23,9 para o lote B. É a queda normal de peso nessa época. A diminuição do peso das vacas entre junho, antes da geada, julho e agosto, após a geada indica-nos uma queda brusca e forte, pois o lote B 42,6 e 12,8. Não resta dúvida que as ondas de frio e as geadas provocaram apreciáveis queda no peso do gado, sobretudo comparativamente ao ano anterior, quando não houve igual abaixamento da temperatura. É possível admitir-se que a situação podia ser pior, si as vacas não estivessem tão gordas, ou que as pastagens ainda fossem piores, como sucede ocorrer em geral nos anos passados.

Estes dados autorizariam as seguintes afirmações:

- 1 - o gado de corte está sofrendo rápidas perdas de peso ocasionadas pelas ondas de frio e geada, agindo diretamente sobre os animais e atuando com persistência através das pastagens;
- 2 - a perda de peso habitualmente registrada neste período inicial de seca invernal é agravada neste ano pela ação do frio e das geadas;
- 3 - o estado de engorda dos rebanhos, graças ao período favorável dos meses passados, permitira que os animais tenham maiores reservas para vencer os meses de seca invernal, agravadas logo de início pelo frio e geada do corrente ano.

C - MEDIDAS ACONSELHÁVEIS: Diante desta situação nova inesperada e a luz dos elementos analisados, quais as medidas aconselháveis para diminuir os prejuízos e assegurar passagem pela próxima seca invernal?

As medidas são de duas ordens, de emergência e de longo alcance no futuro.

- a - MEDIDAS DE EMERGÊNCIA: com os simples recursos dos pastos, sem o auxílio de reservas forrageiras ou de suplementos concentrados, duas coisas poderiam ser aconselháveis, sendo que a primeira consiste em aproveitar intensamente as próprias pastagens dessecadas pela geada e a segunda refere-se a práticas que aceleram a rebrotação dos pastos.

1 - APROVEITAR OS PASTOS DESSECADOS PELA GEADA: nós estamos supondo, a base de dados obtidos nas fazendas experimentais e de observações gerais, que o estado das pastagens nas antevésperas da geada éra ainda satisfatório e um tanto melhor que nos anos anteriores, em virtude da distribuição de chuvas. A pastagem ressequida pela geada assemelha-se a um feno e talvez, a um feno de qualidade aceitável, porquanto o dessecamento rápido não permitirá a perda de substâncias, como se tivesse ocorrido a temperaturas altas ou por significação natural. É preciso poupar essas plantas de estragos e desperdícios e forçar o gado a comê-las.

a) - não queimar as pastagens ressequidas pela geada, ateando fôgos, pelo contrário evitar fogo pela construção de acervos e auxiliando o combate aos incendios dos pastos;

b) - cortar com ceifadoras, foices, enchadas ou outros instrumentos a soma de forrageiras ressequidas pela geada. A fim de utiliza-las como feno, em médias, feitas no campo, em galpões, etc. Esta recomendação, talvez, se possa ser executada por proprietários em granjas ou nas fazendas onde as caprinas servem tanto ao gado, como para produzir adubos ou compostos;

c) - aproveitar a forragem no próprio pasto, mediante manejo do gado nas invernações, por meio de pastoreios simultaneamente intensos e debeis, intenso pelo aumento da densidade de animais por unidade de área, deixando os demais predos desocupados. Debeis pela pouca duração do pastoreio. Esses manejos forçaram os animais ao consumo das pastagens foadas pela geada;

d) - não deixar o gado retido nos currais ou estabulos, especialmente o gado leiteiro ou de cria, durante a noite ou nas horas matinais, por que as plantas dessecadas, porém umedecidas pelo orvalho, são mais comestíveis e plantáveis, do que durante o resto do dia. Embora durante a estação de seca, mesmo no seu auge, em agosto ou setembro, ainda existe orvalha em 40% dos dias nas regiões mais secas do Estado. O orvalho pode contribuir para minorar os efeitos da seca e da geada. Resta utilizá-lo bem.

2 - Acelerar a rebrotação dos pastos: estudos levados a efeito no Estado por diversos técnicos vieram revelar que o nosso período de seca invernal seria ainda muito mais grave si não fossem duas circunstâncias atenuantes. Uma refere-se à profundidade dos solos do Estado, que, em extensas áreas, é profundo bastante para armazenar quantidades respeitáveis de água. A seca atinge apenas os primeiros metros da superfície. Outro diz respeito as nossas plantas forrageiras, constituídas de gramíneas, que tem quasi todas sistemas radiculares bastante extensos, com vários metros de profundidade. Os capins Colônião, Sempre-verde, Gordura, Jaraguá, Quiquio, Grama Batatais, Capim Barba de Bode e outros vão, as vezes além de 4 metros de profundidade com suas raízes. Algumas dessas plantas podem utilizar a água do solo durante alguma parte da seca e diminuir os efeitos da mesma, que seriam ainda mais desastrosos si os solos fossem rasos e as plantas de raízes curtas.

Fundamentados nesses pontos, é possível obter-se ainda uma rebrotação das plantas forrageiras, queimadas pela geada, até com certa intensidade, nesta época do ano, desde que se empreguem práticas adequadas:

a) - remoção da parte aérea das plantas atingidas pelo frio afim de estimular a rebrotação e o seu crescimento. Então se conpreenderá a conveniência de corta-las para feno ou poda-las pelo manejo do gado com pastoreio controlado, intenso e debil;

b) a rebrotação e o crescimento das plantas forrageiras serão mais intensos, si após ao corte ou ao pastoreio, a área permanecer livre de animais durante algum tempo. Entende-se portanto, a recomendação das rotações, afim de interromper o pisoteio e o pastoreio e permitir o livre desenvolvimento das pastagens novas;

c) - os bovinos comerão melhor pastagens sêcas na ausência das rebrotações. Na concomitância de folhas secas e velhas e de brotos verdes e tenros; o gado procurará as partes rebrotadas, andando de um lado para outro dos pastos, a sua procura, num dispendio ainda maior de energias e prejudicando as rebrotações pelo pisoteio e pastoreio. O gado aumenta a sua atividade. É aconselhavel acumular o gado em áreas restritas para forçar o consumo das folhas sêcas e permitir que noutros prados a rebrotação se consolide pelo livre crescimento.

b) - MEIDAS DE FUTURO: a distribuição de chuvas em São Paulo indica que, com certeza, os bovinos de corte ou leiteiros tem obrigatóriamente um período anual de baixa produ-

atividade. A geada deste ano teve apenas o condão de mostrar o agravamento das condições alimentares e de um instante para outro, ao passo que nos anos normais essa mesma situação precária vai ocorrendo gradativamente, a ponto de não ser tão impressionante. Os recursos da própria fazenda devem ser, a seu tempo, mobilizados, para socorrer ao inapelável e intransferível declínio de quantidade e qualidade das pastagens na seca invernal. A não ser em casos de bovinos de alta produtividade, para os quais é conveniente recorrer-se ao uso de farelos, tortas, concentrados de subprodutos industriais, na maior parte dos casos, no entanto, a própria fazenda deve produzir a imensa maioria dos alimentos energéticos, proteicos, minerais, vitaminas, etc., em obediência às razões econômicas e outras. Entre os alimentos capazes de alta produção nas fazendas, destacam-se duas categorias segundo o seu sistema de preparo, armazenamento e conservação: os fenos e as silagens. Não é fácil produzir fenos de boa qualidade numa região, cujas precipitações atmosféricas médias são de 1.300 mm. A produção de feno nos Estados Unidos da América do Norte é um setor agrícola tão impor -

tante como qualquer outra atividade de sua agricultura mas lá as chuvas não passam de 750 mm. por ano. As nossas experiências de produção de feno e sua administração foram decepcionantes. Há uma série de fatores que conspiram contra a produção de feno de boa qualidade em São Paulo.

A nossa esperança reside na produção de silagem, onde os fatores climáticos não interferem como na elaboração de fenos. Por enquanto a recomendação aconselhável é fazer silagem de milho em silo de qualquer tipo, séreos, de encosta, subterrâneos e especialmente trincheiras. Fazer silagem ainda que sem silos. O programa de trabalho para os próximos anos consistiria em abaixar o preço da silagem elaborada. Para tanto teremos de descobrir plantas forrageiras de alto rendimento agrostológico para obtenção de um volume consideravelmente superior ao obtido pelo milho. Precisamos achar as leguminosas capazes de prosperar nos nossos solos ácidos e quentes, consorciadas às gramíneas e em condições de dar uma adequada fermentação para a silagem. Assim teremos alimentos energéticos em abundância, enriquecidos de proteínas, minerais e vitaminas produzidos na própria fazenda para atravessia tranquila da seca invernal ou de geadas siclicas. As experiências estão já em vias de revelar essas plantas forrageiras e sua técnica para ensilagem em São Paulo.

Levando em conta que os 7 milhões de bovinos carecendo de 25 quilos de ensilagem por dia, durante 100 dias, chegamos a conclusão de que são precisos cerca de 17,5 bilhões de toneladas de silagem, como reserva anual para nossa pecuária. O Estado de São Paulo possui cerca de 250 mil propriedades agro-pecuária. A campanha de produção de silagem para a seca deve ter o seguinte slogan: "um silo em cada fazenda". Com 250 mil silos de 70 toneladas ou equivalente, o Estado de São Paulo terá tantos bilhões de toneladas de silagem, a ponto esquecer para sempre, o pesadelo presente do que se chama safras de águas, safra de seca, geadas, etc.

"UM SILO EM CADA FAZENDA".

SITUAÇÃO - DA PECUARIA

Pastagens: - As invernações do Estado, foram prejudicadas pelas geadas ocorridas durante o mês anterior. Os pastos ficaram queimados, e em algumas regiões, como Araçatuba e Ourinhos, ocorreram incêndios, agravando ainda mais a situação.

Gado de corte: - Devido a escassez das pastagens, e suas condições de precariedade em virtude do fenômeno climático ocorrido, vários inverneiros foram obrigados a vender suas boiadas. O preço do gado magro, continua elevado; um novilho de 2 anos e meio, para engorda, esta sendo negociado na base de CR\$ 2.100,00.

Segundo relatório publicado em outro local, podemos avaliar o efeito da geada sobre a perda de peso do gado. Com efeito, em experiências realizadas com 2 lotes de vacas, em uma Estação Experimental do Governo, verificou-se que nos meses de junho a agosto de 1952, quando não ocorreu geada, a perda média de peso por mês foi aproximadamente de 12 Kg., que é normal nesta época do ano. Em igual período de 1953, devido aos efeitos da geada, a quebra de peso, variou ao redor de 35 Kg. por mês, o que equivale a um prejuízo a mais de uma arroba e meia por cabeça e por mês.

Os abates dos principais frigoríficos, durante o mês de julho p.p. foram:

Frigorífico	Boi	Vaca	Vitelo	Totais
Wilson	24.032	285	21	24.338
Armour	24.319	538	561	25.418
Anglo	21.665	1.377	-	23.042
Swift	13.166	175	300	13.641
Matadouro Municipal de Santos	4.904	-	19	4.923
Santo Amaro	2.474	-	36	2.510
Total				93.872

Cotejando-se estes números com os do mês anterior, verifica-se que houve uma diminuição de 1.451 cabeças abatidas.

Cotação: - (Fornecida pelo Sindicato da Indústria do Frio de S. Paulo) (Preço de compra até 14/8/53, posto Frigorífico, por arroba).

Frigorífico Armour S/A.	Frigorífico Wilson do Brasil S/A.
Bois de consumo - CR\$ 175,00	Novilhos gordos - CR\$ 175,00
Vacas e torunoz gordos 160,00	Vacas e torunoz gordos 160,00
Carreiros gordos - 160,00	Carreiros gordos - 160,00
Gado tipo conserva - 100,00	Gado tipo conserva - 105,00
Vitelo gordo (Kg.) - 10,00	Vitelo gordo (Kg.) - 10,00

Cotejando-se estes dados com os do mês anterior, não houve praticamente mudança nos preços.

Gado de Leite: - Durante o mês de julho, houve grande procura de torta de algodão e farelo de trigo, a fim de minorar os efeitos da carência de pastagens devido às geadas ocorridas.

Quanto a molestias, notaram surtos de febre aftosa em algumas regiões agrícolas, mas de um modo geral, o estado sanitário dos rebanhos, é satisfatório. Movimentam-se os produtores de todo o Estado, planejando uma melhoria de 40% no chamado preço de "espera" concedido em 1951

para o leite. Com essa percentagem de aumento pretendem os mesmos receber CR\$ 3,80 por litro para o consumo e CR\$ 2,40 para o excedente de quota.

Avicultura: - Verificou-se um pequeno aumento na postura das aves. Continua a animação reinante entre os avicultores, devido à normalização na distribuição do farelo e farelinho de trigo, na maioria das Regiões Agrícolas do Estado. Foram instaladas novas granjas em Iti, Mocooca e São Simão.

Em Agudos, alguns cafeicultores estão se dedicando à avicultura, visando o aproveitamento do estérco das aves, em seus cafezais.

Cotação: - (Fornecida pelo Brasil Avícola)

Ovos de granja - caixa de 30 dúzias - média do mês de julho.

Casca Branca

Tipo especial	-	CR\$ 430,00
Tipo A	-	410,00
Tipo B	-	400,00
Tipo C	-	360,00

Casca Vermelha

Tipo especial	-	CR\$ 450,00
Tipo A	-	440,00
Tipo B	-	410,00
Tipo C	-	360,00

Mercado com tendência de baixa.

Para os ovos de casca Branca, o "tipo especial", sofreu uma diminuição de CR\$ 140,00, em relação ao mês anterior; o "tipo A", 150,00; e "tipo B", 120,00 e o "tipo C", CR\$ 90,00. Para os ovos de casca vermelha, os tipos "especial e A", sofreram uma queda de CR\$ 150,00; o "tipo B", de CR\$ 130,00 e o "tipo C", de CR\$ 90,00.

Aves: -

Raça especializada de corte.

a) Galinha.....	CR\$ 22,00 (quilo vivo)
b) Frango.....	27,00 (" ")
c) Galinha Leghorn.....	17,50 (" ")

Mercado firme.

Cotejando-se com o mês anterior, verifica-se que houve, por Kg, um aumento de CR\$ 1,00 para "Galinha"; CR\$ 2,00 para "Frango" e CR\$ 0,50 para "Galinha Leghorn".

Suínocultura: - A suínocultura está sendo um pouco prejudicada pelo elevado preço do milho. Muitos fazendeiros preferem vender este cereal, a criar porcos.

Em Itapeva, foi introduzida a soja para a alimentação dos suínos.

Quanto a moléstias, houve um surto de peste suína em Ribeirão Preto, porém, sem maiores consequências. A vacinação contra esta doença, vem sendo praticada regularmente em todo o Estado.

Cotação: - (Fornecida pelo Sindicato da Indústria do Frio de S. Paulo).
Preço de compra até 14/8/53 - posto Frigorífico.

Frigorífico Armour S/A.

Suíno gordo - média de 80 Kg.
CR\$ 225,00 a 230,00 por arroba.

Frigorífico Wilson do Brasil S/A.

Suíno gordo, média de 80 Kg.
CR\$ 240,00 por arroba.

A cotação permaneceu a mesma, em relação ao mês anterior.

Exportação para o Estrangeiro pelo Porto de Santos em 1953

PRODUTOS		Janeiro a Maio	Junho	Julho
1	Café (sacas de 60 ks)	2.856.522	532.095	382.511
2	Algodão em rama	18.528	3.343	...
	Algodão "Linters"	30.273	4.069	...
	Resíduos de algodão	595	112	...
	Piolho de algodão	-	-	...
3	Milho	-	-	-
	Arroz	-	-	-
	Fragmentos de arroz	-	-	-
	Amendoim em casca	62	24	-
	Amendoim descascado	-	-	-
	Mamona	1.770	-	-
	Çba	216	0	-
	Óleo de Mandioca	1.454	659	216
	Óleo de Limão	1	-	-
	Herva Mate	171	141	-
	Laranjas (caixas)	52.000	60.850	4.200
	Banana (cachos)	2.892.822	850.571	869.256
4	Banana Flakes	42	21	...
	Bambu	30	7	...
	Cafeína	-	-	...
	Cacau	30	-	...
	Carne em conserva	18	-	...
	Carne salgada	-	-	...
	Cola de ossos	-	-	...
	Cera de carnauba	-	-	...
	Cera de abelha	-	-	...
	Couros curtidos	-	-	...
	Couros de porco curtidos	9	2	...
	Couros salgados e secos	2.287	168	...
	Crina animal	29	15	...
	Farinha de chifres e ossos	60	244	...
	Farinha de sangue	-	-	...
	Farelo de amendoim	-	-	...
	Farelo de babaçu	-	-	...
	Farelo de gergelim	-	-	...
	Fios de algodão	-	-	...
	Fumo em folhas	-	-	...
	Glandulas congeladas	30	-	...
	Madeiras	-	10	...
	Manteiga de cacau	-	-	...
	Mentol	35	-	...
	Óleo de amendoim	-	-	...
	Óleo de eucalipto	1	-	...
	Óleo de hortela	31	10	...
	Óleo de mamona	2.051	-	...
	Óleo de sassafras	7	-	...
	Óleo de tungue	-	-	...
	Ossos	219	142	...
	Peles silvestres	108	31	...
	Resíduos de fiação	-	-	...
	Resíduos de raion	-	-	...
	Sangue seco	305	-	...
	Tecidos de algodão	10	-	...
	Torta de cacau	-	-	...

Importação de Cabotagem pelo Porto de Santos, em 1953
(toneladas)

PRODUTOS	Janeiro Junho	Julho(.)	PRODUTOS	Janeiro Junho	Julho(.)
ADUBOS			Batata	189	-
Adubos	1.675	215	Cacau	366	110
BEBIDAS			Café	-	-
Aguardente	927	107	Carne	1.816	66
Vinho de mesa	10.424	1.766	Carne de porco	154	18
Outras bebidas	69	10	Castanha	38	21
CEREAIS			Cebola	15.174	130
Arroz	35.984	17.091	Coço	2.346	269
Aveia	24	-	Coco ralado	106	59
Cevada	835	50	Condimentos	100	-
Milho	-	-	Conservas	4.237	822
PRODUTOS ANIMAIS			Doces	218	37
Cera de abelhas	36	6	Extrato tomate	890	-
Crina (an.e veg.)	579	33	Farinha mandioca	10.028	364
Pelas	135	40	Outras farinhas	1.209	312
DIVERSOS			Fecula mandioca	309	435
Fumos em folhas	1.843	277	Feijão	12.313	20
FIBRAS E FIOS			Leite de coço	75	25
Algodão	4.321	101	Lentilha	805	18
Caroa	1.353	224	Peixe	364	17
Coço	16	-	Pimenta	58	6
Juta	9.197	4.929	Sal	101.288	20.612
Lã	6.813	779	Tapioca	2	-
Malva	3.849	183	MADEIRAS		
Paina	20	10	Canela	536	15
Pisqaba	329	208	Cedro	267	32
Sisal	2.363	335	Embuia	612	-
Uacima	388	51	Freijó	74	46
Fios de algodão	1	-	Peroba	269	-
Fios de coço	1	-	Pinho	11.970	6.696
ÓLEOS E GORD. VEGETAIS			Sucupira	62	-
Cera de carnauba	34	8	Madeira n.e.	892	125
Cera de ouricuri	65	11	PRODUTOS HERVANARIA		
Manteiga de cacau	271	98	E SEMENTES		
Óleo de babaçu	947	439	Alpiste	7	-
Óleo de car.de algodão	6.090	745	Babaçu	6.305	525
Óleo de coço	19	10	Guarana	58	62
Óleo de linhaça	1.918	294	Gergelin	144	3
Óleo de citicoia	82	40	Ouricuri	54	9
Óleo de sassafráz	6	11	Semente de ucuúba	272	252
Óleo de tungue	3	-	RESÍDUOS E TORTAS		
Óleo de ucuúba	-	-	Resíduos de algodão	334	176
Sebo de ucuúba	5	6	Torta de cacau	119	67
GÊNEROS ALIMENTÍCIOS			Torta n.e.	40	-
Açúcar	33.163	3.969	TRIGO E FAR.DE TRIGO		
Banha	1.007	523	Farinha de trigo	5.601	-
			Trigo em grão	22.065	123

Quadro elaborado pela Subdivisão de Economia Rural, com dados do "Diário do Comércio" da Associação Comercial de São Paulo.
(.) Dados suscetíveis de aumento.

Importação do Exterior pelo Porto de Santos, em 1952
(toneladas)

PRODUTOS	Janeiro Junho	Julho(.)	PRODUTOS	Janeiro Junho	Julho(.)
ADUBOS					
Cloreto de potássio	2.537	4.265	Castanha	-	-
Fosfato	9.320	4.538	Cevada	9.935	1.015
Salitre do Chile	18.380	2.029	Damasco	41	-
Sulfato de amônio	2.833	2.300	Ervilha	-	-
Sulfato de potássio	-	1.232	Extrato tomate	-	-
Superfosfato	6.146	4.960	Trigo seco	6	-
Hiperfosfato	1.100	-	Grão de bico	9	-
Adubo químico n.o.	10.306	6.462	Leite em pó	695	267
ARAME E GRAMPOS			Lentilha	-	-
Arame fardado	4.375	151	Maçã	11.467	1.637
Grampos pa. cerca	86	26	Malte	5.741	273
BEBIDAS			Malte cevada	142	-
Aguardente	-	-	Melão fresco	329	-
Champanha	59	-	Rozes	111	-
Uisque	21	-	Peixe	10	12
Vinho de mesa	1.144	12	Pera	7.024	202
Outras bebidas	60	1	Perú congelado	11	-
FERRAMENTAS			Possejo fresco	659	-
Enxadas	-	-	Pimenta em grão	19	-
Foice	-	3	Tâmara	36	-
Machados	43	4	Uva fresca	3.439	61
FIBRAS E FIOS			Uva passa	358	16
Fibra e cânhamo	10	-	ÓLEOS E GORDURAS		
Fibra linho	17	-	Azeite de oliva	1.466	222
Fios algodão	42	-	Óleo de pinho	-	-
Fios cânhamo	-	-	MAQUINAS		
Fios lã	-	15	Tratores pertencos	2.814	1.545
Fios linho	981	455	PRODUTOS HERVANATA E SEMENTES		
Fios raion	-	-	Albiste	1.637	354
Juta	5	-	Jarina	-	-
Lã	358	-	Lúpulo	667	12
GENÉRIOS ALIMENTÍCIOS			Palha de ruiné	696	111
Alho	1.485	23	Sementes de flores	13	-
Ameixa fresca	1.368	5	Sementes de hort.	57	226
Ameixa seca	378	78	PRODUTOS QUÍMICOS		
Anedoa	63	-	D.D.T. em pó	-	-
Anchova	9	-	Fungicidas	1	-
Azeitona	2.148	223	Hexacloreto benzene	267	59
Aveia	3.332	204	Inseticidas	875	240
Avelã	6	-	Óleos essenciais	1	-
Bacalhau	3.293	375	TRIGO E FAR. DE TRIGO		
Batata(e semente)	2.124	-	Farinha de trigo	15.998	-
Canela	27	-	Trigo em grão	207.185	54.093
Cravo	3	-			

Quadro elaborado pela Subdivisão de Economia Rural, com dados do "Diário do Comércio" da Associação Comercial de São Paulo.

(.) Dados suscetíveis de aumento.



SECRETARIA DA AGRICULTURA
 DIVISÃO DE ECONOMIA RURAL

DIVISÃO DO ESTADO DE PARANÁ EM SETORES, REGIÕES AGRÍCOLAS E MUNICÍPIOS

1952

LEGENDA

- SEDE DOS SETORES AGRÍCOLAS
- ▲ SEDE DAS REGIÕES AGRÍCOLAS
- MUNICÍPIOS
- DIVISÃO DE SETORES
- DIVISÃO DE REGIÕES
- DIVISÃO DE MUNICÍPIOS

